

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS CAMPOS BELOS
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ENSINO DE HUMANIDADES

DIVÂNIA DELTRUDE MOREIRA

JOVENS KALUNGA:
A ROMARIA DE SÃO JOÃO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA CULTURA
QUILOMBOLA EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS-GO

CAMPOS BELOS / GO
2021

**JOVENS KALUNGA:
A ROMARIA DE SÃO JOÃO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA CULTURA
QUILOMBOLA EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS-GO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Humanidades como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista.

Orientador (a): Prof. Me Daniel de Freitas Nunes

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

D838j Deltrude Moreira, Divania
Jovens Kalunga: a Romaria de São João, Identidade e Resistência da Cultura Quilombola em Monte Alegre de Goiás-GO / Divania Deltrude Moreira; orientador Daniel de Freitas Nunes. -- Campos Belos, 2021.
23 p.

TCC (Graduação em Pós Graduação Lato Sensu em Ensino de Humanidades) -- Instituto Federal Goiano, Campus Campos Belos, 2021.

1. Romaria. 2. Kalunga. 3. Jovens Quilombolas. I. de Freitas Nunes, Daniel , orient. II. Título.



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES
TÉCNICOCIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- Tese Artigo Científico
 Dissertação Capítulo de Livro
 Monografia – Especialização Livro
 TCC - Graduação Trabalho Apresentado em Evento
 Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____

Nome Completo do Autor: Divânia Deltrude Moreira

Matrícula: 2019106301040219

Título do Trabalho:

**JOVENS KALUNGA: ROMARIA DE SÃO JOÃO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA
CULTURA QUILOMBOLA EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS-GO**

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim,

justifique _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIIF Goiano: 08/06/2021

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Campos Belos - GO, 08/06/2021.

Local

Data

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU

Ao primeiro dia do mês de junho do ano de 2021, às treze horas, reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública por videoconferência na plataforma *google meet* para procederem a avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Jovens Kalunga: a Romaria de São João, identidade e Resistência da Cultura Quilombola em Monte Alegre de Goiás-GO**”, em nível de Pós-graduação *Lato Sensu* de autoria de DIVÂNIA DELTRUDE MOREIRA, discente do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em ensino de humanidades do Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora, Prof. Msc. Daniel De Freitas Nunes, que fez a apresentação formal dos membros da Banca composta pela profa. Msc. Elisabete Da Silveira Ribeiro e profa. Msc. Maria Otávia Bataglin Loureiro. A palavra, a seguir, foi concedida a discente para, no tempo de 20 a 30 min. proceder à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinada. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Humanidades, e procedidas às correções recomendadas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi **APROVADO COM RESSALVA**, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de especialista em Ensino de Humanidades, pelo Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega definitiva do TCC e cumprimento de todos os requisitos necessários, em acordo com a orientação normativa 01/2021 da Coordenação de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Justificativa e comentários sobre o trabalho:

O TCC analisado atende à forma e conteúdo pressupostos pelo curso. No que diz respeito ao conteúdo, a discente atingiu dentro de seus pressupostos, as respostas aos seus objetivos geral e específicos, estando o trabalho analisado, portanto, apto para aprovação.

Sugestões de alterações do trabalho:

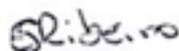
Revisão completa de ortografia e ajuste descritivo quanto ao recorte temporal da pesquisa e perfil etário dos sujeitos entrevistados.



Prof. Msc. Daniel de Freitas Nunes (presidente/orientador)



Profa. Msc. Maria Otávia Bataglin Loureiro



Profa. Msc. Elisabete da Silveira Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que em algum momento se precisou de alguém; é reconhecer que o homem jamais poderá lograr para si o dom de ser autossuficiente. Ninguém e nada cresce sozinho; sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor. (Autor desconhecido)

Agradeço primeiramente a Deus, por ser indispensável em minha vida, meu guia, socorro presente em todos os momentos e a base de todas as minhas conquistas. A minha família, meus irmãos e principalmente a minha mãe, Alice Moreira, pelas orações, cuidado e dedicação, sem você não teria chegado até aqui. Agradeço ao prof. Orientador Me. Daniel pela paciência, dedicação e compromisso, mesmo distante fisicamente esteve sempre presente na realização deste trabalho.

A prof.^a. Me. Elisabete por aceitar o convite e fazer parte da banca examinadora. Ter sua presença, é sentir que mesmo em tantas dificuldades conseguir dar continuidade ao trabalho que faz parte da sua sementeira. A prof.^a. Me. Maria Otávia é um prazer tê-la na banca examinadora. Agradeço aos meus amigos pelo incentivo de sempre e em especial a Mariana Ribeiro, Luzinete Reis e Silvarino Luiz com a presença de vocês, as pausas entre um parágrafo outro de produção melhoram tudo que tenho produzido na vida, porque foram vocês que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

A toda equipe do Centro de referência de assistência social (CRAS) de (2017-2020) principalmente a Maria dos Reis e Geraldina Fernandes por sempre acreditar em minha capacidade, mesmo quando nem eu acreditava e pelos conselhos e palavras de incentivo, vocês foram e continuam sendo um anjo em minha vida. Agradeço ao IF Goiano- Campus Campos Belos por me proporcionar dias de aprendizagem muito ricos. Aos professores do curso de ensino de humanidades, reconheço uma energia imensa com muita paciência e sabedoria. Foram vocês que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

Agradeço de uma forma especial a Maria Helena (Tuya Kalunga), Jurimar Fernandes e Fabiana Fernandes pela participação, foram vocês uma das chaves principais para a finalização deste trabalho, que vem trazendo a importância do nosso modo de vida, do nosso povo e das nossas tradições.

E ao povo Kalunga (Monte Alegre de Goiás), a minha eterna gratidão por tudo que me proporcionam em todos aspectos da minha vida, principalmente em me ensinar a resistir, mesmo sem forças para continuar.

A todos gratidão!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ENTENDENDO OS SUJEITOS E O ESPAÇO DA PESQUISA.....	9
3. NOTAS METODOLÓGICAS.....	12
3.1 O tipo ideal como opção de pesquisa	12
3.2 Conceitos mobilizados na pesquisa	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1 Jovens Kalunga: um dedo de prosa com algumas lideranças	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

JOVENS KALUNGA: A ROMARIA DE SÃO JOÃO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA DA CULTURA QUILOMBOLA EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS-GO.

YOUNG KALUNGA PEOPLE: the Pilgrimage of São João identity na resistance of quilombola culture in Monte Alegre goiás

Divânia Deltrude Moreira¹

Data de submissão: XX/XX/XXXX

Data de aprovação: XX/XX/XXXX

RESUMO

Esse trabalho descreve uma pesquisa qualitativa realizada sob os moldes de pesquisa de Tipo Ideal na perspectiva de Max Weber, conduzida com jovens Kalunga liderança envolvidos na Romaria de São João na comunidade Quilombola Sucurí localizada no Município de Monte Alegre de Goiás. Partindo-se da busca da compreensão de: como os jovens Kalunga, enxergam e se percebem com relação à Romaria e sua representatividade enquanto espaço de práticas tradicionais de identidade e resistência do povo Kalunga. Os dados coletados durante a pesquisa demonstraram que o sentimento de pertencimento, identidade e resistência por parte dos jovens da comunidade quilombola mencionada anteriormente, tem sido abalada pela modernidade e o tão crescente avanço tecnológico que tem chegado à comunidade. Nesse mesmo sentido, ficou evidente que, quanto mais os jovens buscam continuar seus estudos, adentrando o mundo acadêmico, o conhecimento tem reforçado neles seu pertencimento e identidade afro-brasileira.

Palavras-chave: Romaria. Kalunga. Jovens Quilombolas.

ABSTRACT

This work describes a qualitative research carried out using the Ideal research model in the perspective of Max Weber, conducted with young Kalunga leaders involved in the São João Pilgrimage in the Quilombola Sucurí community located in the Municipality of Monte Alegre de Goiás. understanding: like the young Kalunga, they see and perceive themselves in relation to the Pilgrimage and its representativeness as a space for traditional practices of identity and resistance of the Kalunga people. The data collected during the research demonstrated that the feeling of belonging, identity and resistance on the part of the young people of the quilombola community mentioned above, has been shaken by modernity and the growing technological advance that has reached the community. In the same sense, it became evident that the more young people seek to continue their studies, entering the academic world, knowledge has reinforced their Afro-Brazilian belonging and identity in them.

Keywords: Pilgrimage. Kalunga. Young Quilombolas.

¹ Divânia Deltrude Moreira, jovem quilombola pertencente a comunidade Kalunga, familiarizada com as questões indentitárias do povo do qual faço parte desde meu nascimento. Acadêmica, que se debruça sobre os estudos das questões de luta resistência e valorização da cultura negra, especificamente do meu povo. Pós-graduanda em Ensino de humanidades no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação Goiano/Campus Campos Belos. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins/Campus de Arraias-TO. E-mail: divaniamoreira48@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado do desenvolvimento de uma pesquisa que se deu no desenrolar de inquietações que permeiam as vivências e construção da minha identidade e dos jovens da comunidade tradicional do qual faço parte, constituída no seio da luta pela preservação dos conhecimentos, crenças e permanência do povo quilombola Kalunga.

Nesse sentido, para entendimento da questão, é necessário compreender que, desde os meus 13 anos de idade, participo da Romaria de São João na comunidade Quilombola Sucurí localizada no Município de Monte Alegre de Goiás e ao ver e me envolver com a festa dessa comunidade até os dias atuais, persiste, emergindo das minhas experiências, a curiosidade de saber o porquê que esta manifestação acontecia ano após ano com local e data fixa, qual o sentido e significado para o meu povo.

Posteriormente, frente a essa curiosidade, no decorrer do curso de graduação tive a oportunidade de conviver, conhecer e refletir sobre a prática do povo do qual faço parte e essa experiência acadêmica permitiu o surgimento de novas perspectivas e uma visão mais profunda do festejo em questão. Buscar conhecer e pesquisar em âmbito acadêmico uma realidade por mim vivenciada, me permitiu, investigá-la na busca do entendimento de questões que passaram despercebidas, nas vivências e nas minhas experiências. Foi então que, a partir de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e nas conversas e debates com anciões das comunidades que compreendi o quanto a Romaria vai além daquilo que pensamos e recriamos nas nossas próprias práticas durante a festa, pois esta é carregada de valores vindos de antepassados, enraizados de geração em geração, em um movimento cultural e de memória permanente. Um verdadeiro rito identitário.

Assim, o processo da pesquisa me fez visualizar e compreender as festividades da romaria a partir de uma perspectiva sociológica que ia além de uma diversão despreziosa. O processo me permitiu vislumbrar a festividade como um instrumento de Resistência do povo Kalunga, um modo de preservar a religiosidade para além dos tempos do passados.

Isso posto, as percepções e situações reveladas ao meu olhar pesquisador, manifestaram questões que lançaram meu interesse sobre a figura dos jovens Kalunga no contexto da continuidade da Romaria de São João, que relações ou a falta delas estariam imbrincadas ali.

Partindo daí, dando continuidade aos inquietamentos investigativos que

permeiam minha curiosidade pela Romaria, a proposta de pesquisa a que se destina esse trabalho consiste em compreender os elementos fundamentais das práticas, seus significados e ressignificações culturais dessa festa, em especial quanto às dos jovens Kalunga, e como estes percebem e vivenciam a Romaria de São João manifestada na comunidade Sucuri. Objetivo, portanto, analisar e discutir os elementos que compreendem a forma de pensar e por em prática os saberes, valores e tudo aquilo que se tem significado desde as praticas de nossos ancestrais no passado até os dias atuais.

Deste modo, a problemática que deu origem a essa proposta de trabalho consiste em discutir: qual o significado simbolico da Romaria de São João para os Jovens Kalungas e como eles a enxergam enquanto elemento da própria cultura e tradições? Esse questionamento abrange o conhecimento e a compensação da colaboração desses jovens com a continuidade da Romaria presentemente, tendo em vista que o seu rito litúrgico é essencialmente oral, passado de pai pra filho.

Desta maneira, partindo desse objetivo e problemática, a minha percepção hipotética é que essa memória coletiva reúne por lembranças, rememorações, interpretações ou seja, acontecimentos(estou me referindo à tradições, crenças, rituais etc) que é resultante da soma de memórias individuais que se resumem na tradição de todo um grupo, que nesse caso é a comunidade Kalunga (Sucuri).

2. ENTENDENDO OS SUJEITOS E O ESPAÇO DA PESQUISA

A comunidade Kalunga sucuri assenta décadas de historia, permeada de lutas, entaves, resistencia, fé, e vontade de ser “kalunga”. O povo do qual faço parte traz em si externamente as marcas do labor, do sol, das lutas e necessidades, o sorriso de gratidão, a esperança a cada novo raiar do sol. Internamente as marcas das dificuldades, do choro, da fé, que caracterizam anos de vivencias, tradição e luta.

Situado no Município de Monte Alegre de Goiás - GO, o povo Kalunga enfrenta uma serie de dificuldades impostas ora por sua localização geográfica de dificil acesso, ora por negligencia por parte de governantes que acabam por deixar as comunidades rurais à própria sorte. Registro que as famílias da comunidade em sua maioria ainda vivem em situação precárias, quanto a alimentação, qualidade de moradia e acompanhamento sanitário.

A comunidade que analisarei tem como o local fixo de suas práticas a

Comunidade Sucurí, localizada no povoado Kalunga, que tem sua existência datada desde a época de fuga dos escravos no final do século XVIII e início do século XIX para os refúgios longe do homem branco. Foi assim que se constituiu essa comunidade segundo o relato de anciões.

Apesar dos entraves e dificuldades, nós não perdemos a fé, a vontade de viver e a crença em dias melhores. Esse povo, o meu povo, mantém vivas suas memórias, tradições e crenças, instituídas de forma oral, progressiva e constante na vida das famílias. Um exemplo claro desse cenário é o respeito aos anciões e o acatamento irrevogável de suas orientações e vontade.

Realizada uma vez no ano, no mês de Junho e sem registros de a quanto tempo se tem existência, a Romaria de São João é uma tradição da comunidade, que conta com a participação de muitos jovens de meu povo e, é uma das mais importantes manifestações culturais/religiosas da comunidade sucúri: esse é também cenário de muitas situações, manifestações e fazeres.

Nesse sentido, considerando que essa pesquisa assenta sua necessidade investigativa na verificação da validade dessa manifestação religiosa para esta juventude Kalunga, bem como na significação dela para os mesmos, entenderemos aqui um pouco mais do processo de escolha desses sujeitos de pesquisa.

Desse modo, a Romaria de São João na Comunidade Sucurí do Município de Monte Alegre de Goiás aqui é entendida como um espaço vivo de memória, uma vez que tal tradição é vista pelos anciões da comunidade como viga mestra da preservação das tradições de nosso povo, carregada de histórias, vivências, memórias, lutas e dores.

Considerando o caráter oral de nossas tradições culturais, invariavelmente o meu olhar se volta para os jovens da comunidade: –a provável próxima geração de rezadores e pagadores de promessas. Buscar interpretar dialeticamente se esses jovens se enxergam como contribuintes e atores da conservação da tradição é fundamental, sobretudo a partir de uma perspectiva interpretativa da memória como um espaço também de resistência.

Assim sendo, fui ao encontro com três jovens lideranças que fazem parte dessa coletividade do povo Kalunga em Monte Alegre – GO: Maria Helena (Comunidade Tinguizal), Jurimar (Comunidade Riachão) e a Fabiana (Comunidade Sucurí). Busquei nessa escolha compreender o modo de vida, a família e os gostos dos três jovens aqui entrevistados e nos quais a característica mais marcante do tipo ideal que destaco é o exercício de liderança, participação em movimentos da comunidade e a aparente

valorização da cultura da qual fazem parte.

Não obstante, considerando que a romaria é uma manifestação que carrega parte significativa das práticas do povo Kalunga do município aqui referido, sendo no modo de falar, vestir, rezar, conviver sua investigação poderá constatar a relação do jovens com suas praticas ou alertar a comunidade quanto a necessidade de estratégias de interação e assimilação dos jovens à Romaria, jovens estes do qual faço parte, o que ivariavelmente me insere também como um sujeito da pesquisa.

Partindo desse princípio, é fundamental entendermos nosso espaço de tradição e seus significados para as novas gerações. Portanto, é importante enfatizar que quando aqui se fala em Romaria estou partindo da compreensão desta como um espaço sagrado (SOUZA, 2013).

Assim sendo, cabe ressaltar que as romarias são denominadas como lugar abençoado, ou seja, sagrado. E tudo que é sagrado tem valor; aqui me refiro ao Santo São João, que é celebrado na manifestação aqui estudada. Pois, é ali que se pagam as promessas, fazem batizados, casamentos e etc. Autores como Mota (2018), conceituam que a Romaria é algo associado à religiosidade, ou seja, a manifestação daquele momento em determinado lugar que representa,

[...] um acontecimento sócio-religioso no seio da Igreja. Um grande número de pessoas espera a data específica das festas que acontecem nesses centros religiosos, para manifestar sua fé. Pode ser desde um gigantesco santuário como também uma pequenina capela. (p.14)

Por conseguinte, podemos concordar que a Romaria e seu “santo” fazem elos, ou seja, uma ponte de ligação, pois sem esse entrelace, não existiriam a Romaria e consequentemente não se teria a existência e os significados da manifestação. Deste modo, falar da Romaria é trazer parte de conhecimentos, significados e sentimentos de um povo, adquiridos em convivência resistência e lutas por identidade, reconhecimento e fé. Em outras palavras, conjuntos de pessoas que detém costumes e valores sob uma mesma base, mas com características próprias. Assim sendo, o referido trabalho salienta a preocupação de como futuramente parte da nossa história e valores vão se encontrar, dentro da sociedade emergentemente tecnológica, moderna e futurista, pois, as nossas manifestações são formas de resistência, visibilidade e movimentos, enquanto grupo social tradicional, que travam lutas diárias contra a negação e afastamento dessas características.

Tendo em vista que tudo se transforma, e com as transformações muitas praticas são perdidas ao longo do tempo, como por exemplo,

[...]uma dança, um canto, um jeito de se vestir vai se transformando com o passar do tempo. Às vezes, uma expressão cultural pode deixar de existir porque tudo aquilo que fazia com que ela existisse se transformou, foi destruído ou esquecido. (IPHAN, 2012, p.21)

A preservação, luta pela permanência, incentivos à valorização e sentimento de pertencimento devem ser cotidianamente cultivados. Desse modo, compreender o lugar e como se vê cada nova geração, para com as práticas de seu povo, deve ser sumariamente um processo investigado continuamente, possibilitando assim, estratégias e mecanismos de formação identitária enraizadas na formação social das gerações mais jovens, para que assim o velho se faça no novo, sob novas formas, sem perder o que há de essencial na linguagem e modo de ser.

Tal intensão só será possível, se e somente se, preservármos em nós, como povo tradicional, o pertencimento a nossas raízes, ainda que essas tenham novas roupagens, é essencial que não percamos a consciência de quem somos, nas mais diversas esferas dessa compreensão, geográfica, social, tradicional, identitária, pessoal, emocional etc. Caso contrário, séculos de luta estarão fadados ao esquecimento.

3. NOTAS METODOLÓGICAS

3.1 O tipo ideal como opção de pesquisa

Em termos metodológicos, para a realização da pesquisa, lancei mão do fazer metodológico de Max Weber, mais especificamente no que diz respeito ao método do “tipo ideal”, já que no meu entender esse apresenta-se como uma possibilidade que melhor atende a realização da pesquisa, uma vez que, refere-se a uma representação do real por meio de uma construção mental da realidade através da qual se pode delinear de forma tangível o problema dessa pesquisa, isto é: que conceitos tem construído os jovens Kalunga a respeito da Romaria de São João? Se sim, quais representações esta traz para eles?

De acordo com Souza (2009) a pesquisa por meio do “tipo ideal” se dá através de um processo onde o pesquisador propõe selecionar certas características do objeto – no caso em tela, jovens - em estudo, de forma a construir um tipo, que possua o ideal proposto mentalmente pelo pesquisador, e que delimite uma representação da realidade em enfoque.

Isso posto, analisarei, por meio da criação de um tipo ideal a relação entre os

jovens e a romaria tendo em vista as ações desses sujeitos enquanto possíveis contribuintes para a preservação da Romaria. Para tal, selecionei as seguintes características quanto aos jovens: jovens que estão na comunidade, participando dessas tradições com o seguimento da referida até os dias atuais, jovens com perfil de liderança – envolvidos nos debates, e movimentos de resistência e luta dentro e fora da comunidade.

Partindo dessa escolha, entendo que o conceito de tipo ideal de Max Weber acena a uma constituição parcial do fato, em que o pesquisador seleciona particularidades, adverte informações e incide a edificar um todo acessível entre diferentes vários aceitáveis. De acordo com Souza (2009) “ o tipo-ideal, como nos ensina Max Weber, é a seleção dos aspectos mais característicos de um papel social de modo a enfatizar os aspectos essenciais e a descartar os secundários.(p.176)”

A vista disso, o atual trabalho traz a compreensão destes valores pelos jovens Kalunga, visto que conservar o conhecimento quilombola é cultivar viva parte da história do povo brasileiro que não está registrada em livros oficiais, anais da história, e sim na memória e práticas desse povo. Justificando assim, a importância da tradição na contemporaneidade, pois, faz parte da resistência do povo Kalunga. Assim sendo, se faz necessária uma visão mais complexa, sociológica, completa e intensa dessa prática para que esses valores existentes atualmente não se percam com o tempo.

Para essa intensão, fundamento ainda a escolha do tipo ideal no que orienta e define Weber (1982),

[o] discutido “tipo ideal”, expressão chave na discursão metodológica de Weber, refere-se a construção de certos elementos da realidade numa concepção logicamente precisa. A palavra “ideal” nada tem com quaisquer espécies de avaliações, com finalidades analíticas, podemos construir tipos ideais de protituições ou líderes religiosos. A expressão não significa que profetas ou prostitutas sejam exemplares ou devam ser imitados como representantes de um modo de vida ideal. (p.78)

Assim sendo, resalto e compartilho que ao utilizar a expressão “tipo ideal” Weber diz respeito a criação de diversos princípios, características e fundamentos por meio dos quais se observa e cria uma representação mental da realidade em estudo, da existência como uma capacidade de compreender e entender de forma lógica e racional, ou seja, o autor chama a atenção para que em pesquisas sociais, possamos lançar mão de metodologias que abarquem com melhor clareza e entendimento das questões do mundo real, sendo que na minha avaliação, o tipo ideal atende a todas essas pretensões.

3.2 Conceitos mobilizados na pesquisa

Considerando os objetivos e as pretensões metodológicas do presente trabalho - Compreender os elementos significativos das práticas culturais dos jovens Kalunga enquanto de tradição e resistência no contexto da Romaria de São João - trabalharei aqui mobilizando os conceitos de Memória, identidade e resistência, tendo em vista que seria incoerente falar de conhecimentos tradicionais e preservação dos saberes sem versar sobre esses conceitos.

Não obstante é importante lembrar que as práticas culturais de um grupo social, qualquer que seja, principalmente de comunidades tradicionais, são também passadas de geração para geração através da oralidade e ainda nos dias atuais essas práticas são apreendidas pelo contato entre novo e antigo, anciões e jovens, constituindo ao sujeito novo e velho uma cultura, identidade e modo de vida coletivo. É, portanto, ao passar através do contato com a geração seguinte que se vai construindo memória e lembranças - tanto individual quanto coletiva.

No que se refere à Identidade, segundo Castells (2000, p.22), é “[...]a fonte de significados e experiência de um povo.” Desta maneira, a mesma também faz parte de uma responsabilidade mais pessoal do sujeito e do coletivo. Deste modo, compreendo por identidade aquilo que é comparado com um síncrono de sentido, ou seja, concepções que o sujeito contém a respeito de si próprio.

Assim, para que eu possa falar e compreender o problema aqui apresentado, como já anunciei, prospectarei oralidade e memória de alguns jovens Kalunga partindo do princípio da memória como,

[...]um “livro”, no qual guardamos o que não podemos esquecer. Ela está estreitamente ligada aos segredos do tempo, pois cada conhecimento, cada fato está ali depositado, como a relíquia da verdade, na forma da palavra, das imagens e dos sentidos. (OLIVEIRA, 2015, p.21)

Por conseguinte, memória é o ato de guardar as experiências vividas e obtidas ao transcorrer da nossa vida. Da mesma forma que armazena e conserva, também pode retomar registros que foram vividos em outros momentos. Esse significado também pode ser aplicado à memória cultural, em razão que a partir do momento em que o indivíduo interage com a sociedade em que vive, adquirindo conhecimentos com vivências, passa-se por aprendizagens e especialidades desse mecanismo de inter-relação trazendo para si o pertencimento, o mesmo registra e armazena determinada

informação.

Assim sendo, de acordo com Amado e Ferreira (2006, p.94),

[a] memória, [...], é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Assim posto, a reminiscência por descrição é coletiva e contribui para o entendimento de um grupo ou de inúmeras pessoas, que participam de um determinado passado.

As pessoas de cada grupo social compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e modos de organização social próprios. Ou seja, as pessoas estão ligadas por um passado comum e por uma mesma língua, por costumes, crenças e saberes comuns, coletivamente partilhados. (IPHAN, 2012, p.07)

Deste modo, é nessa relação de interdependência que o ser humano vai se adaptando e acumulando aprendizagem, ou seja, sua bagagem, buscando o armazenamento em sua memória. Assim sendo, essas memórias vão sendo compartilhadas e sempre lembradas por aquele grupo, tanto na prática, como de forma oral.

Desta maneira, trabalhar com a oralidade e fazer com que os jovens utilizem e exercitem sua memória para relatar através de experiências vividas o que a Romaria representa para si e qual a contribuição dos jovens para a continuidade da mesma na modernidade em que a população Kalunga está alcançando nos dias atuais.

Seguindo essa linha de raciocínio, trabalhar essa temática é ir ao encontro com o passado aos olhos do presente, em razão de que

[s]abemos [...] que o passado depende parcialmente do presente. Toda história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, os seus interesses, o que não é só inevitável como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (LE GOFF, 2013, p.53)

Isto posto, o passado e o presente se complementam de forma recíproca, pois um colabora com a existência do outro. Deste modo o conhecimento quilombola é aprendido em conjunto e na prática.

Portanto, trabalhar com a Romaria é instigar a valorização da cultura quilombola que se faz presente atualmente e vem dos antepassados que constituíram a história de um povo entre labutas e lutas para apenas sobreviver. É notório a relevância da memória para grupos tradicionais desde de tempos atrás, pois;

[a] memória, como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças aos quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2013, p.387)

Nesse sentido, de acordo com o autor, a memória é uma forma de domínio em manter, ou seja, de guardar conhecimentos e vivências a um síncrono de fenômenos mentais, emocionais etc. Sendo capaz de passar por renovação de ascendência. Sendo assim, no ritual da Romaria de São João, as práticas ali vivenciadas são conservadas e não se renovam, mas se resinificam sem perder a sua origem.

Podemos então entender que a memória é significativa para muitos grupos sociais, principalmente os de êxodo rural, pois tiveram pouco acesso com a alfabetização e a rememoração foi uma forma de preservar não somente práticas, mas tudo aquilo que seria relevante. Deste modo, essas comunidades dão continuidade ao ritual da Romaria de São João conservando e mantendo na contemporaneidade através da memória.

Assim, é fundamental compreendermos, para dar prosseguimentos às práticas “[a] transmissão de grandes quantidades e formas especiais de dados orais, de geração para geração, requer tempo e um esforço mental considerável; por isso, deve ter algum propósito seja estrutural. ” (PRINS, 1992, p.173). É notório que a aprendizagem desse povo não é de curto prazo, pois é necessário tempo para que a memória possa absorver aquela informação. Percebe-se que no decorrer do tempo, as novas gerações vão aprendendo aquelas práticas, as comunidades vão vivenciando dando o tempo suficiente para que a obtenção daquele conhecimento de forma completa, com mínimos detalhes, não deixando vestígios significativo para a ininterrupção desses valores. Assim sendo, podemos compreender que

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação de recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LEGOFF, 2013, p.435)

Nesse sentido, a recordação é um utensílio carregado de valores, que tem possibilidade de conservar os saberes de um determinado lugar. Conseqüentemente, é explícito o quanto a memória é significativa para manter vivo esses rituais que são passados de gerações para gerações.

Deste modo, a identidade também tem uma interligação com a memória em razão que

[a] identidade por sua vez, manifesta-se pela unicidade entre natureza e cultura em oposição à outra identidade. A existência física é reconhecida por certas características próprias de cada ser forjadas pelo movimento da matéria e, no caso dos seres humanos, pela capacidade de ação e imaginação. (BOGO,2008, p.36)

Percebe-se que, o autor traz a identidade além da cultura unicista, discutindo que é através do “outro” que nos constituímos como sujeito. Criando uma identidade que é diferente da identidade do outro, mesmo que tenha nuances de uma mesma cultura.

Quanto a oralidade, é substancial para a permanência do ritual realizado na Romaria de São João, pois faz partes de referências das sobrevivências dessas expressões que se mantêm até o momento atual.

Quanto ao conceito de resistência, parto do que postula Monteiro (2019), isto é: atualmente só o fato de existir já é resistir. Nesse sentido, quero parafrasear o autor compreendendo que seria inocência, tanto do assujeitamento, quanto da sociedade, ter como verdade que a cultura não vem dando origem a resistência, fundamentalmente no diferenciar-se social.

Desta maneira, entendo que resistência vai muito além do que possamos imaginar. Enquanto oriunda da comunidade Kalunga, observo que é notório que resistência tem ainda mais sentido para o povo Afro Brasileiro, na definição que resistir é um modo de vida para nos Kalunga, pois resistimos durante todo o processo. Desde da fundação do Brasil a nossa vida tem sido resistência e é por isso que se tem existência de inúmeros quilombos dentro do Brasil.

Resistir para nós Kalunga não é só o ato de resistir a uma situação, resistir, é lutar pela vida, pelos direitos fundamentais, é lutar todos os dias para se sentir parte. Resistência vai muito além do sentido de lutar pela liberdade da escravatura, porque não foi só a luta pela liberdade da escravidão que nos resistimos. Temos resistido a diversas investidas do governo que aí está posto, a preconceitos, a tentativas de destruição do patrimônio cultural e imaterial, portanto, resistir para nós é um modo de viver e não se render. Quero esclarecer, então, que resistir não é apenas no sentido de lutar, mas também, de nos tornamos seres, pessoas e culturas resistentes, em razão que não é qualquer coisa que nos faz parar de continuar resistindo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Jovens Kalunga: um dedo de prosa com algumas lideranças

Partindo do espaço, sujeitos e conceitos da pesquisa, nessa sessão do texto apresento o meu exercício dialético de entrevista com as jovens lideranças do povo Kalunga de Monte Alegre - GO: Maria Helena (Comunidade Tinguizal), Jurimar (Comunidade Riachão) e a Fabiana (Comunidade Sucurí).

Maria Helena é uma jovem de alta estima, ativa, vaidosa, demonstra muita segurança nas suas palavras e é muito conectiva da cultura quilombola. Em entrevista realizada no segundo semestre de 2019 aos seus 31 anos de idade, nota-se que mesmo depois de bastante tempo a memória do seu primeiro contato com a Romaria permanece intacta. Apesar da segurança que deixa revelar-se em sua fala e na paixão de falar das tradições de um povo (Kalunga) do qual faz parte, percebe-se um desânimo quando fala da atual geração com as práticas culturais, principalmente a tradição da Romaria de São João.

Ao relatar sobre a Romaria de São João, Maria Helena relembra que aos seus 12 anos de idade teve o primeiro contato com o local, pois não cresceu na comunidade, devido a separação dos seus pais quando era criança. Assim sendo, ela foi morar com o seu pai e só retornou à comunidade aos seus 11 anos. Ela nos conta que quando chegava à época, ou seja, o mês que celebrava o santo de São João na romaria era uma ansiedade, onde estava todos ali se arrumando bem antes, em razão, que era necessário um preparativo para ir até o local onde se encontra a romaria, pois permaneciam ali a semana inteira.

Percebe-se o quanto a memória é uma aliada para os relatos orais de um povo, seja ela individual ou coletiva. Quando a Maria Helena relembra os fatos e acontecimentos, vem usando da reminiscência para relatar, assim, é a forma que a cultura quilombola é passada de pais para filhos.

Mesmo recente na comunidade na época nota-se no seu tom de voz a ansiedade da chegada do dia tão esperado que era a ida a romaria, onde tinha que atravessar serras e percorrer alguns km para chegar até o local. Mas qual o significado de ir até o lugar aqui referido? Maria Helena conta que com 12 anos não entendia muito o significado da tradição, que para ela era apenas algo normal, ou, seja apenas uma festa como qualquer outra.

Desta maneira, talvez possamos compreender o porquê da preocupação dos anciões, visto que os jovens participam, mas não entende o significado e os valores que a

romaria possuem. Os pais da Maria Helena são lavradores e cresceram ali na comunidade, qual seria o significado da Romaria para os mesmos? Ela nos conta que para os seus pais a romaria tinha todo um conteúdo cultural e também sentimental que é para além do para se divertir, era como se fosse um compromisso.

Quando fala-se de toda uma preocupação por parte dos anciões, não está referindo apenas que os jovens participam, mas também da forma que veem a Romaria, o seu significado, os valores que ali permanece e já ultrapassou décadas.

Isto posto, a concepção da romaria para a Maria Helena e seus pais eram totalmente diferente, por ainda ser adolescente e está somente iniciando o contato com a romaria, onde seus pais participavam a muito tempo, ela relata que não conseguia visualizar e também não compreendia a diferença de significados da romaria entre ela e sua mãe naquela época, só veio compreender ao decorrer dos tempos e a cada ano que ia até a romaria.

Seguindo essa linha, é fundamental compreender que é preciso tempo para entender esse processo de saberes e valores que essa tradição obtém, é preciso participar e está observando as práticas que ali são ministradas todos os anos. Práticas essas que são repetidas todo ano, dentre elas estão os casamentos na fogueira, as rezas, as folias, as danças, dentre outros.

Maria Helena lembra que uma das práticas que mais gostava era o momento dos casamentos na fogueira, que atualmente é raridade acontecer. Ela acredita que era um dos pontos mais fortes na Romaria de São João, onde inclusive ela foi casada. Ela nos conta que esse ritual não se tem tanta presença nos dias atuais porque os jovens não querem mais se casar, e antigamente era tipo que obrigado a se casar, visto que a orientação que vinha dos pais era que os jovens tinham que ter família e viver a vida inteira.

É fundamental lembrar que, essa prática acontecia até a geração passada e aos poucos foi se perdendo, talvez pela saída dos jovens em busca do contato com o nível superior e pode ser também pelas mudanças ocorridas ao decorrer dos tempos. Pois éramos um povo isolado, não tínhamos estradas para transportes, pois o único transporte que tínhamos era o cavalo, o burro, ou seja, apenas animais. O nosso mundo era apenas das serras, montanhas para trás, não tínhamos conhecimento do novo, das tecnologias, da energia elétrica, de outras escolas a não ser as que já existia na comunidade, isso feito de palha, dentre outras modernidades que o ser Kalunga já se tem contato atualmente, sem contar que já fazem parte da modernidade e conhece bastante dela.

Ela relembra que quando se casou tinha 14 anos e existia todo um ritual e o casamento só era valido se fosse na fogueira de São João, que é tradicional do festejo de São João. Ela nos diz que não tinha como fazer uma fogueira e dizer vamos casar alguém, porque o casamento na fogueira para ser apropriado tinha que ser um ritual feito na fogueira com a cinza da fogueira do festejo do ano anterior ou daquele ano dependendo do dia que você casa. Mas só seria valido se fosse naquela fogueira, naquele espaço, porque tem todo um ritual em volta daquele espaço. Maria Helena relata que antigamente quem casava na fogueira não podia separar, porquê seria o maior desrespeito que estaria causando separando. Ela nos diz que o casamento tradicional da fogueira, na fogueira de São João você é casado a vida inteira, tanto não tem um papel que diz, a gente pode separar os corpos, mas somos casados a vida inteira.

Deste modo, algumas práticas já se perderam com o tempo, mas a romaria continua existente e com memória viva das práticas que ali foram ministradas e outras que ainda são desenvolvidas. Assim, já ocorreram algumas mudanças até nas formas dos jovens se relacionar com o local no qual se encontra a romaria.

A Maria Helena expõe que a juventude, essa nova juventude não conseguiu assimilar muito o significado do festejo, ou seja, desse espaço (Romaria de São João). Para ela e seus pais nos dias atuais a romaria, é um espaço sagrado, porque não é só o lúdico, tem uma energia de união, de partilha. E no espaço onde se localiza a romaria, não se tem divisão de nada, une mesmo para que o festejo, para que essa devoção ela aconteça, percebe-se que a comunidade inteira se mobiliza para que isso aconteça, relataela.

Seguindo essa linha de raciocínio, a romaria é muito marcante para as pessoas que conhecem o seu significado, independente de mudanças ocorridas ao passar de geração para geração. A Maria Helena me descreve oralmente que percebe que os saberes e conhecimentos estão sendo quebrados e que esses saberes estão muitos com as pessoas mais velhas mesmo, e com as perdas dos anciões de rezas, essas práticas vão se perdendo. Ela nos diz que é na pratica, no conviver que se aprende, é nesses espaços sagrados que todos que ali residem e fazem parte da comunidade aprende os rituais.

Deste modo, é preciso conhecer e entender o significado da romaria para compreender todo esse processo, talvez esses valores estão sendo perdidos, ou seja, não tão notados como antigamente pela falta de conhecimento dos jovens da relevância que se encontra nesses valores conservados pela comunidade, principalmente para os anciões. Para a Maria Helena como liderança e representante de uma fração importante dos jovens

Kalunga que saíram da comunidade em busca do ensino superior, onde esse deslocamento da comunidade certamente influencia uma contribuição a compreensão lúcida da importância da romaria.

Formada em educação do campo e educadora, ela associa a questão de a gente achar o moderno e principalmente o do outro, o vindo de fora melhor do que o que já tem em prática. Ela dar exemplo do evangelho que não se tinha existência dentro da comunidade, nos dias atuais já se tem presente. Ela nos diz que a educação abriu muito a saída dos jovens, desde de quando estiverem que sair da comunidade para vim para a cidade em busca de estudo e de novos recursos, assim vai perdendo e constituindo uma quebra, o distanciamento do seu saber, do local da sua cultura, da sua tradição e constrói-se essa mistura. Ela nos conta que nem sempre tiveram essa compreensão do que é nosso, o que não é nosso, e o porquê acontece isso. Pensar nessa possibilidade da falta de valorização das suas práticas por sair dar comunidade talvez seja um pouco arriscado ou talvez seja um dos fatores dessa falta de informação dos significados que a romaria possui

Por conseguinte, a educação vem sendo uma aliada para a saída dos jovens, mas o que se torna relevante para a preservação da romaria é a participação dos referidos nesses movimentos, para que assim venha compreender na prática cada significado, memória, modo de vida etc. Em razão, que depois de ter essa compreensão desses valores, vai então entender que tanto o vindo de fora, quanto os valores do povo do qual faz parte é relevante, a diferença é que são saberes diferentes, com significados diferentes, mas que constituem uma história de um povo.

Maria Helena conta que quando saiu pela primeira vez, ao retornar para a comunidade, após contato com outras culturas, muitas coisas passaram pela sua cabeça, por exemplo; a troca do forró pelo funk, o respeito pelo desrespeito (as regras que se tinha, queria quebra-las). Ela nos diz que pensava assim porque em outros locais eram assim e aos poucos foi percebendo que as tradições do seu grupo tinham todo um ritual, que estão sendo destruídos por nós mesmos. Porque estamos levando a cultura de outros locais para dentro da nossa cultura/comunidade.

Analisar esse fator foi relevante para que possamos chegar a uma conclusão se a saída dos jovens nos trazia apenas prejuízos ou também nos beneficia. Maria Helena nos diz que quando os jovens entram na universidade percebe que se descobrem, descobrem a sua identidade e retorna para a comunidade. E quando retorna já sabem quem são, de onde vem, qual cultura faz parte e a sua identidade, assim sendo, ela diz que “a educação em um determinado momento na verdade ela nos distanciou e quando a gente chegou em

um determinado nível de conhecimento científico ela nos reaproximou para a comunidade novamente.”

Corroborando com as falas da Maria Helena, a educação tem nos proporcionado ir além e buscar compreender a nossa identidade e modo de vida, entender o porquê os anciões procura sempre fazer com que possamos nos interessar por esses rituais, dentre outros conhecimentos ofertados que retornamos para a comunidade.

Para a Maria Helena a problemática lúdica e não ritualista está no sentido que a uma falta de informação por parte dos jovens, porque a existência na ruptura do conhecimento dos jovens. Para ela o momento que ele é comunidade, é enquanto seus pais estão ali cuidando, porque o conhecimento Kalunga ele é repassado na prática, no seu fazer, no cotidiano. Ela nos diz que “a partir do momento que o jovem desliga da comunidade para outro espaço, ele vai ter outro conhecimento, o que que ele vai assimilando? Esse aqui é o melhor, porque na sociedade a maioria faz assim e na minha comunidade não é assim, então eu prefiro ficar com o povo aqui. A nossa cultura não é uma cultura universal, é uma cultura local, então a nossa cultura ela está sendo engolida por outra cultura, uma cultura que está se tornando universal”.

Mesmo com o deslocamento da Maria Helena da comunidade percebe-se a valorização da Romaria de São João por ela e a relevância das práticas. Ela acredita que para a superação desse desafio em fazer com que esses jovens tenham compreensão desde cedo dos valores que a Romaria possui é preciso uma educação quilombola, porque ela dar um leque aos jovens além do ler e escrever. Para a Maria Helena todo território é uma sala de aula, então não é só sala de aula, mas a presença dos anciões, porque todos esses conhecimentos e significados está com os mais velhos. E os mais velhos estão morrendo e o grupo está perdendo parte da cultura, da cultura viva, da biblioteca viva. Porque a nossa comunidade tem uma biblioteca imensa, mas é uma biblioteca oral viva, que é a memória. E essa memória se não for alimentada, ela morre e passa pelo esquecimento.

Atualmente a Maria Helena vê como saída um centro de saberes e vivências Kalunga, fazendo dos saberes uma geração de renda para que as crianças e jovens venha se interessar. Isto posto, foi o fato de voltar para a comunidade e está participando e contribuindo com a continuidade da romaria que Maria Helena conseguiu compreender o significado dessa tradição, buscando fazer com que as crianças tenham essa compreensão desde de pequenas e cresça com esse conhecimento dos valores que a nossa cultura possuem e a relevância de preservá-la.

Ao contrário da Maria Helena, o Jurimar atualmente com seus 22 anos, cresceu na comunidade, mas teve o seu primeiro contato com a romaria entre os seus 13 a 14 anos. O Jurimar é um jovem tímido, mas seguro, inteligente e que gosta de lutar pelos seus ideais. Graduado em pedagogia e atualmente educador, mesmo crescendo e observando toda a ansiedade da sua família em ir para a romaria, ele começou frequentá-la bem mais tarde que a Maria Helena. Em entrevista realizada no primeiro semestre de 2020, ele nos conta que o primeiro ano que teve contato com a Romaria foi em 2007. Ele diz que foi pelo fato de que antigamente não gostava muito de ir em festas, era bem mais reservado e somente a partir dos seus 14 a 15 anos que participava mais dos eventos festivos na comunidade.

Assim, diferentemente da Maria Helena, o Jurimar morou na comunidade desde que nasceu, passou todo seu processo de criança e adolescência ali, porém não tinha uma certa curiosidade pela romaria antes de participar da mencionada e somente a partir dos seus 13 anos veio ter esse contato fisicamente se interessando e vendo-a como um local de festividade.

Desta maneira, percebe-se ao se expressar que a Romaria era vista como uma festa para ele. Mas com qual sentido? Ele nos conta que antigamente as práticas que se tem na romaria com data fixa, não tinha muito significado e que só participava pelo fato da festividade mesmo, da dança etc. Isto posto, o lúdico era mais importante do que o ritualístico. Jurimar diz que atualmente tem uma percepção diferente em relação a romaria, atualmente ele vê a festa como uma forma de ajudar aos Jovens como nós a procurar conviver e se interagir com os mais velhos ou anciões, para que futuramente possamos assumir o papel que os anciões assumem nos dias atuais, principalmente nas crenças como os rituais e rezas.

Seguindo essa linha de raciocínio, ao decorrer dos tempos a concepção do Jurimar foi se transformando e constituindo novas visões em relação a tradição aqui referida. Ele nos diz que a sua percepção se transformou após seu ingresso na faculdade. Assim, novos horizontes se abriram, e os professores reforçavam necessidade de torná-lo líderes da comunidade da qual reside assumindo o seu pertencimento e autoconhecimento na e pela comunidade. De tal modo, ele conta que começou a entender melhor necessidade no atual cenário.

Aqui é fundamental lembrar que o Jurimar ao participar pela primeira vez, foi dando continuidade na participação, vendo, observando e participando daquelas práticas aprendendo já na adolescência todo aquele processo de passo a passo e de perto. Mas, ele não conseguia ainda assimilar todo aquele ritual, pois isso acontece com o tempo e talvez

não foi o tempo suficiente para essa descoberta, visto que começou o processo pulando a primeira fase.

Assim sendo, é preocupante. Já pensou se todos para terem uma percepção de que o ritual que acontece na romaria é cheio de práticas significativas e carregadas de valores ter que entrar primeiro na universidade para ter essa concepção? Isto posto, nota-se o grande valor dessa temática, em razão, que nem todos têm a oportunidade do contato com o meio acadêmico universitário.

O Jurimar nos profere que uma minoria consegue desenvolver esse olhar mais detalhado pelas festas religiosas. Pois já vivenciou inclusive muitos jovens acompanhando os mais velhos e participando diretamente desses eventos. Destarte, entender o porquê uma quantidade de jovens consegue ter um olhar diferente sobre essas práticas, ao contrário de outra quantidade que tem outra concepção, é fundamental para que possamos conscientizar e colaborar com a continuidade da romaria.

A romaria é uma tradição oral milenar, é pela oralidade que a gente aprende, e nas vivências que esses rituais permanecem vivos na memória, principalmente dos mais velhos. Para Jurimar há uma grande preocupação dos anciões em relação ao andamento dessa nova geração de jovens na comunidade. Ele fala que percebeu que os jovens estão muito adaptados a esse mundo novo e atualizado e de tal modo muita coisa vai sendo esquecidas, e maioria dos jovens não buscam aproveitar os ensinamentos que os mais velhos tem a passar pela oralidade. Jurimar relata que é um cenário de preocupação, uma vez que se não tiver um ancião para conduzir uma reza por exemplo, a reza não sai. E essa questão é preocupante justamente pelo fato de que não teremos esses anciões pelo resto de nossas vidas, diz ele.

Observa-se que a preocupação vem dos jovens também e que alguns estão percebendo essa falta de conexão da juventude com a romaria. Jurimar diz que a modernidade chega a passos largos e muitos não conseguem lidar da melhor maneira com essa situação e algumas coisas vai se perdendo não exatamente pelos mais velhos (anciões), mas sim pela atitude dos mais novos que não conseguem assimilar as duas coisas, e isso acaba deixando coisas importantes de lado e conseqüentemente esquecidas. Ele profere que muitas vezes se não tiver um trabalho de recuperação das tradições, nossas manifestações culturais passarão em branco principalmente nas festas religiosas.

Percebe-se, o novo, na maioria das vezes está contribuindo com a perda de alguns rituais, perda no sentido da prática, já que a memória tem que ser sempre alimentada para permanecer viva. Para Jurimar esses rituais ainda não se perderam totalmente por que os

mais velhos conservam, porém estão se enfraquecendo, principalmente porque a comunidade perdeu alguns anciões. Ele diz que outro fator que está colaborando com o enfraquecimento desses rituais é a juventude atual. Percebe-se que existe uma diferença absurda entre a juventude de antigamente com a juventude atual. As de antigamente eram mais responsáveis e respeitadas. Eles sabiam o valor de nossas tradições e cultura, era algo sagrado para eles. Hoje em dia vejo que nossos jovens meio que vem se perdendo e atropelando esse processo, é preciso de aprendizagem sobre a própria cultura, relata ele.

E mais uma vez nota-se que o enfraquecimento desses rituais e da valorização da romaria é por falta de conhecimento e informação sobre a mesma. Para mudar essa realidade Jurimar acredita que a princípio seria necessário que os jovens e os anciões procurem um ao outro para passar os ensinamentos necessários para compreensão dos jovens ou a criação de um projeto em que os anciões seriam os professores para possibilitar a interação dos jovens nessas tradições. Para ele é preciso que os jovens participem mais ativamente dos rituais sagrados. Mais que participar é preciso que aprendam para que futuramente ensinem seus filhos, netos e bisnetos. É preciso da interação não apenas nas farras, danças e diversões. Em algumas festas não religiosas não tem rezas ou algo do tipo para fortalecer esse interesse. Aí quando chega uma festa religiosa os jovens já não querem mais participar perdem o interesse, além da própria vontade dos jovens, falta mais investigações por parte daqueles que vão ensinar. Aí também pode entrar a escola como colaboradora desse processo, os ensinamentos escolares desses jovens sobre a nossa cultura vêm mais pelo ensino informal e por consequência usamos o espaço formal da Escola para aperfeiçoar essa aprendizagem, ressalta ele.

Portanto, não é somente falta de informação, como também de interesse por partes dos jovens em participar de forma ativa para conhecer e está colaborando com a conservação da Romaria. Isto posto, a romaria é relevante na comunidade, porém se tem mais valor por parte dos anciões.

Por consequência é possível observar que nas falas dos entrevistados quanto a Maria Helena, tanto o Jurimar vem trazendo o âmbito acadêmico como um meio para a descoberta dos significados e valores que essa tradição carrega, mas também vem trazendo a falta de participação dos jovens e também a ausência dos mencionados na participação dessa tradição por um período de tempo, que também faz parte do processo de conhecimento sobre o que a Romaria oferece em prática e os valores que possui.

Seguindo com as falas dos jovens, a Fabiana, desde de criança participa da Romaria juntamente com os seus avós e familiares. Ela afirma não se lembrar bem do seu primeiro contato com a romaria, mas participa desde de criança acompanhando seus avós. Ela conta que mudou bastante o local da tradição, antigamente não se tinha energia, nos dias atuais já se encontra presente na localidade e também já se constituiu o barraco de dança e a cozinha para os preparativos que não tinha antigamente.

Observa-se, que mesmo que se tenha passado bastante tempo da fase criança para jovem, a entrevistada se lembra que sempre participou da tradição. É fundamental lembrar que a Fabiana não pulou nenhum processo e desde de sempre participa desses movimentos, descobrindo e construindo sua identidade.

A Fabiana é uma jovem tímida, sorridente, com garra, possui o ensino médio completo e tem 21 anos de idade. Em entrevista feita no primeiro semestre de 2020, ela nos conta que no ano anterior foi educadora da educação infantil e ainda não possui curso superior, mas é um dos seus objetivos, em suas falas percebe-se que é uma moça sonhadora. Ela relata que quando criança ela ia na romaria só por ir mesmo, uma vez que, não compreendia o significado do festejo igual nos dias atuais e que ao começar a estudar, principiou a compreender o significado das culturas e tradições religiosas que as comunidades possuem, de tal modo, foi compreendendo o valor que a romaria de São João possui.

Assim sendo, quando criança a mesma não tinha uma concepção dos valores e dos significados, mas foram sendo constituídos com o tempo e o contato do âmbito educacional reforçou a importância desses valores. Fabiana relata que essa percepção foi sendo adquirida ao participar frequentemente da tradição e assim que conseguiu entrar para o ensino médio obteve mais uma visão dos significados desses valores. Para ela a festa é muito importante por ser uma tradição que vem passando de geração em geração desde dos antepassados e lhe expressa alegria e satisfação. No seu modo de expressar percebe-se a paixão pela cultura do qual faz parte.

Desta maneira, nota-se o quanto a participação nesses movimentos vem fazendo com que o sujeito descubra a sua identidade, se sentindo pertencente a aquele grupo, valorizando-o. De maneira oposta aos relatos da Maria Helena e o Jurimar, a Fabiana acompanha desde de pequena esses movimentos e com o tempo de tanto está ali presente a gente vai obtendo curiosidade sobre o mesmo e o seu acontecimento. Assim sendo, podemos dizer que é com o tempo e participações nesses movimentos que a gente vai tendo essa assimilação dos valores que o mesmo possui.

Uma das preocupações de Fabiana é a quantidade de jovens que se preocupam em preservar a cultura local, para ela é necessário ter eventos que trabalham com a temática porque só o espaço escolar não está sendo suficiente, e como os jovens não tem interesse pela cultura os mais velhos conservam, porque se sentem obrigados.

Isto posto, podemos dizer que o espaço escolar não é suficiente, em razão, que os jovens não participam desses movimentos de forma frequente. Pois o âmbito educacional só é um meio de apoio, ou seja, complementação para a percepção da importância desses valores.

Por exemplo; se o jovem em nenhum momento participou de qualquer que seja evento dentro da comunidade, não tem como ele falar sobre o determinado assunto. Ele pode até tentar compreender na teoria, no âmbito educacional, porém não vai assimilar com a sua realidade, em razão que não obteve contato com aquela localidade ou tradição na prática. Já se pegarmos um jovem que participa e se envolve com os movimentos da comunidade, quando chegar na escola, ele só vai apropriar de novas informações complementando o conhecimento que já possui consigo construído na prática.

O que fica perceptível com a fala da Maria Helena e o Jurimar, é que, de forma geral como é de se esperar, pelo menos em termos gerais, quanto maior o nível de educação formal, mais se compreende sobre os conceitos que permeiam o assunto – memória, identidade e resistências. Por outro lado, essa percepção não impede o fortalecimento dos laços com a tradição da Romaria, todavia, percebemos serias preocupações nas falas a respeito do desinteresse da nova geração em sentir-se parte atuante da Romaria que mais é uma festa para diversão que um rito. Isso posto, em todas as falas percebemos que a construção do significado da Romaria para o jovem depende muito do nível de entendimento que ele tem de si e da comunidade.

A geração jovem de agora, como podemos ver claramente nas falas, está constantemente bombardeada por estímulos dos mais diversos tipos vindos da modernidade esmagadora que chega às comunidades pelas telas dos smartphones, redes de internet, tornando acessível tudo quanto lhes aprouver, e o que é local, perde o brilho a força o interesse. Portanto, nota-se que um dos principais fatores é a falta de participação dos jovens nesses movimentos e também a falta de conhecimento dos mesmos em relação a sua própria cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como oriunda do povo Kalunga posso dizer que as tradições presentes na comunidade é nossa fonte de resistência e união, falar dessas tradições é contar um pouco da história e memória do nosso povo, é falar do nosso modo de vida, da nossa fé, do nosso lazer, cultura, identidade, do sagrado, do passado, presente e futuro.

Aqui me vem a preocupação de que essas tradições devem permanecer a ser conservadas, principalmente pelas futuras gerações. Porquê? Foi com essas tradições que o povo do qual faço parte sobreviveu a um longo período de isolamento, assim constituindo o nosso modo de vida e nossa própria identidade, que é do ser Kalunga. Foi resistindo que aprendemos a acreditar em dias melhores, nas rezas, nos santos, nas promessas e construindo uma cultura local para que assim em qualquer lugar possamos identificar quem somos, de onde viemos e a qual povo pertecemos.

Seguindo essa linha de raciocínio, identifica-se através dos relatos e falas dos entrevistados o quando a educação superior é uma aliada para a conservação dessas tradições, assim, em dado momento analisei como se as universidades fossem o principal apoio das continuidades dessa tradição, mas em um segundo momento percebi que estava totalmente equivocada. Porquê? ao desenvolver o trabalho anterior na graduação já tinha em mente que comecei a valorizar as tradições depois do contato com a universidade e após as entrevista aqui exposta acabei confirmando isso, pois dois dos entrevistados são graduados e relataram a importância que se deram mais ainda a essas tradições ao contato com a universidade.

Contudo, ao analisar a fala da Fabiana pude observar que o ponto principal de apoio para os jovens se envolverem e terem essa dimensão de contribuição ou não, esta na questão dos jovens estarem envolvidos nos movimentos da comunidade. Como cheguei a essa análise? Se observamos nas entrevistas comecei a participar da mencionada aos 13 anos de idade, a Maria Helena aos 12 anos e o Jurimar aos 14, quanto a Fabiana acompanha e se envolve desde de criança nesse movimento, ou seja, essa tradição aqui referida.

Desta maneira, mais importante que a universidade é a participação dos jovens nesses movimentos, movimentos esses que são constituído de valores que perpassaram gerações, que são carregados de partilhas, união e história de um povo que resistiu a inúmeras dificuldades, dores e lutas para continuarem existindo.

Sendo assim, a Fabiana desde de sempre esteve participando da tradição e

aprendendo na prática os valores que a referida obtém, mesmo que ela demorou um certo tempo para entender o que a Romaria representa, já tinha aprendido todas aquelas regras a ser seguidas ali dentro, sem contar que ao estar sempre participando fez todo o processo que, eu, a Maria Helena e o Jurimar deveríamos ter feito, porém por acaso da vida a gente acabou pulando essa etapa inicial.

Assim, eu a Maria Helena e o Jurimar após um certo tempo estávamos distantes desses movimentos, passando do processo inicial que é de participação e aprendizagem quando criança, iniciando-o quando adolescentes. Deste modo, na adolescência ao contato com a Romaria passamos a perceber os valores que a mesma carrega, é fundamental dizer que esse processo de assimilação ritualística foi se construindo com o tempo e após o contato com a universidade nos afirmou essa nossa identidade, nos incentivando a valorização e conservação da nossa cultura.

Já a Fabiana participou de todos os processos desde da fase inicial, assim aprendendo desde de criança na prática. Valorizando e participando da manifestação cultural que é a romaria e de outros movimentos dentro da comunidade, obtendo para si conhecimentos relacionados as tradições e constituindo uma identidade própria do nosso povo desde de criança. Isto posto, ela não vai ter necessidade de descobrir a sua identidade, em razão, que ela já a conhece.

Seguindo essa linha, apesar da Maria Helena, do Jurimar ter ensino superior, o semelhante entre a fala dos três e as práticas e vivências construída por um povo do qual fazemos parte. Vivências essas que fizeram com que redescobrimos nossa identidade, obtendo tanto memória individual, quanto coletiva relacionada ao grupo do qual fazemos parte, aprendendo a resistir como sempre fizemos desde de todo processo da nossa existência.

Desta maneira, para que Romaria e as manifestações que tem acontecimentos na mesma não venha se perder com o tempo, é indispensável que os jovens estejam sempre participando destes movimentos que acontecem dentro da comunidade, descobrindo desde de cedo sua identidade, cultura e modo de vida. Em razão, que as nossos costumes são aprendidos no efetivar, no estar ali e fazer junto. A nossa cultura não tem um manual de como fazer as coisas, pois é na prática e na oralidade que a gente aprende. A educação é uma aliada também, mas esses movimentos é o principal apoio e foco da conservação e continuidade das nossas tradições.

Portanto, falar da nossa cultura, da nossa história é uma forma de também incentivar essa futura geração passar para seus filhos desde de crianças os nossos

hábitos e costumes, geração essa que conhece a luta do nosso povo, as dores, a resistência para se ter existência, o nosso modo de vida etc. Entender que a nossa cultura perpassaram gerações, é entender que o povo Kalunga tem uma história viva de valores, lutas e labutas que foi constituída por muitos anos de isolamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. ENCONTRO DO ENSINO DE HISTÓRIA, 3, 2016, Ituiutaba-MG. **Anais**. IV Semana de História do Pontal, 2016.p. 1-9.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História oral**. - 8ed.-Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 264 p.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
HALBWACHS, Maurice, **La Mêmorie Collective**. 2° ed. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1968,189p.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. 5ª edição. Tradução de Waltensir Dutra. Revisão Prof. Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF: Iphan, 2012. 36p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. -7° ed. Revista-Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (org.) **Cultura, resistência e diferenciação social**. [Recurso eletrônico]. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: file:///D:/E-book-Cultura-Resistência-e-Diferenciação-Social.pdf.Acesso em: 02 fev. 2020.

MOTA, Geová Nepomuceno. **O Fenômeno Religioso Da Romaria Sob A Perspectiva Da Fé**. Cristã: A Romaria Ao Santuário De Bom Jesus Da Lapa. Belo Horizonte,2018,119p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.118p.

PRINS, Gwyn. História Oral. *In*: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. (Biblioteca Básica)

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres:** aspectos do catolicismo popular / Ricardo Luiz de Souza. – Natal: IFRN, 2013.160p.

SOUZA, J. A **Ralé Brasileira:** quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.